

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphii Ecclesie... in Christo Jesu.

ID 13. 14.

Abaixo o Catholicismo

ASSIM conclamam os coriáceos da idéa nova; e a turba dos ingenuos e dos ignaros que ainda não embarcaram, mas aspiram a ser homens do seu tempo, faz eco a este brado insensato.

Abaixo o catholicismo! Mas devagar, creanças, sabeis vós bem o que pedis? Sabeis vós que o catholicismo é a mãe legítima e incontestada da moderna civilisação europeia, d'essa civilisação christã que pulverizou e votou aos estygnas vingadores da historia o antigo cesarismo dos imperantes e a oppressão legal dos povos? Sabeis vós que nós somos os filhos de uma nova sociedade, de um novo direito das gentes; que a alma do catholicismo nos informa e que o coração do Christo vibra em nós, sem o sabermos, no espirito humanitario que caracteriza os tempos modernos e no alto sentimento da dignidade humana, que nos enaltece aos nossos proprios olhos? Defrontai o christianismo ao paganismo e achar-me-heis verdadeiro.

Abaixo o catholicismo! Mas não foi o catholicismo que tornou possível a idade-média? Explicai todavia este phenomeno, sem o factor da religião de Jesus, se o podeis. Explicai como é que o espiritualismo transcendente de um Francisco de Assis e de um João da Cruz, como é que o fogo sagrado da arte nas suas revelações realisadas pelo pincel e pelo buril, como é que a alta iniciativa individual, que sobrepuja os preconceitos da multidão, e o culto entusiastico da esthetica pode desabrochar d'entre a barbarie das edades antigas e atravez de instinctos de fereza de uma sociedade votada a uma educação exclusivamente guerreira, assim como as scenas sangrentas dos campos de batalha? Declinai, se vos lembra, o nome de uma instituição benefica que não tivesse nascido no regaço da Igreja. Hospitales ou creches, orphanotrophias ou asylas para invalidos, collegios de surdos mudos ou casas de regeneração para as filhas do meretricio, hos-

picios para alienados ou associações de enfermeiros para pensar os feridos no meio das balas, de todos a Igreja pôde dizer com orgulho de mãe:

«São meus filhos», e designar a data precisa do seu anniversario. Geração inconsiderada e ingrata: tu és semelhante ao viajor descuidoso, que atravessa a magnifica estrada real, praticada na rocha viva e atravez do alcantil das montanhas, sem se lembrar um instante do trabalho e despezas collos-



D. JOSÉ BARBOSA (religioso theatino)

saes que custou a sua construcção. De repente põe-se a murmurar consigo: Pessima estrada e pessimo engenheiro. Não sei como o governo não faz contracto com alguma empresa construtora para romper outro traçado mais curto e commodo.»

Abaixo o catholicismo, porque o catholicismo é a fé que estrangula a razão, a esperança que se embala com o invisivel, o sacrificio que algema a liberdade e estiola a flor do prazer! Com o coração nas mãos, meus amigos, que vos parece? Embora desvendada, não tem esta nobre mas fallivel razão dessarrazoado vezes sem conta? Será melhor esperar no invisivel do que não esperar em nada? pedir uma solução mesmo a um sonho ridente

da phantasia do que ao gatilho de um revolver? Será mais acido o adstringente da virtude do que o fel do vicio é amargo? Será menos pura a pathologia da mortificação do que a da lascivia, que o corrosivo do mercurio não consegue conjurar? e não ha mais liberdade para o homem em que o corpo seja um optimo creado do que um amo despótico?

Mas porque? Abaixo o catholicismo, por causa dos abusos enormes que em seu nome se tem commetido. Insensatos! Abaixo a liberdade, por causa das suas enormes aberrações. Quereis, applaudis? Não serei tão desleal que negue terem, em nome de Jesus, sido perpetrados graves erros no seio da Igreja e até ás vezes por homens da Igreja. Mas em que tempo, em que paiz, em que cerebro bem organizado é que o abuso serviu de fundamento á abrogação de uma instituição benemerita? Não vos deslumbre o entusiasmo nem o fanatismo de uma idéia subversiva que a todo o transe quereis converter em realidade.

Onde é que se viu que o bem fosse jámais possível na terra sem o contacto importuno do mal, ou que o progresso social se effectuasse n'este mundo impuro sem depositar fezes? Não obstante isso, ou tereis de atirar ao fogo a historia do catholicismo, ou sereis forçados a reconhecer que o seu *haver* é incomparavelmente superior ao seu *dever*.

«Abaixo o catholicismo!» bradais. Souo afinal a hora da emancipação da razão e da secularisação definitiva do espirito enfeudado até hoje ao espectro de creanças inverificaveis. Viva o tangivel, o que se apalpa e o que fine! Sereis assim mais venturosos? D'aqui a pouco, na progressão das theorias e dos habitos correntes, o homem não morrerá mais, matar-se-ha.

Sublime ideal de felicidade! Mas vamos, bravos titans da idéa nova, armai-vos até aos dentes, empunhai o pincão e impelli o ariete; avancai, heroes, a quem só falta o imitavel historidor de D. Quichote, o lendario e divertido cavalleiro Manchego. Porém lembrai-

vos que o edificio que pretendeis derriuir é a velha pyramide do alto da qual dezenove seculos vos contemplam... e sorriem, a pyramide que tem por base o pescador a quem o Christo disse: «Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja», e por vertice a synthese de todas as doutrinas evangelicas na unidade do amor «que venceu o mundo». Coragem. Descarregai á portia vossos golpes demolidores depois de bem examinado, por prudencia, o estado das vossas picaretas, mas lembrai-vos de que este é o antigo edificio sobre o qual se fizeram pedaços os camartellos de duzentos hereges e de outros tantos philosophos, sem lhe desmoronar uma pedra nem alluir uma junta. Excelente granito, que rechaçou intacto os projectis da perseguição de Nero e de Juliano, dos decotes racionalistas de Lutero, da facecia mephistofelica de Voltaire, das blasphemias de Strauss e da lei contesca que lhe fez o necrologio. Esses adversarios tinham braços, musculos e sangue. Vós hoje, geração gafada, só tendes nervos, pelle e sôro em lugar de sangue.

Porém supponhamos por um instante que conseguis dar em terra com o alcaçar secular da Igreja e acabar por uma vez com esse catholicismo, que foi nosso tutor incontestado e nosso pedagogo nas eras barbaras dos erros antemedievales. Bravo, demolidores; os guzamos vos saudam. Mas produzir a decomposição não é glorioso se não fór para argamaçal-a e transformal-a em vida, e vida mais abundante *ut abundantius vivant*. Que deixais em lugar do que destruístes? Que obra creastes, que novo Evangelho trazeis aos homens, que balsamos reservais na vossa pharinacia humanitaria para os corações que sangram, para os olhos que marejam? que nos dais a troco de tudo quanto nos roubastes? Onde o novo Deus que devemos adorar, onde o novo ceu para o qual se alça em toda a sua altura este corpo ferido dos espinheiros de um terreno maldicto? Onde o novo codigo e o novo altar?

Prazer, dinheiro, spleen, podridão... e suicidio, eis a solução que offereceis á sociedade, victima do mais calamitoso attentado. Atravez dos labios azues que abrem os herpes e dos espasmos de um scepticismo calcinante ousais annunciar ao mundo a emancipação do homem brotando esplendida dos escombros do edificio civilizador de Jesus! Meninos da idéa nova, sabeis que negar sem nada affirmar, arrazar sem nada edificar é a tendencia dos que trazem camisa de força ou dos que uzam baberois.

Silencio! Não respondais. Corai, que o corar é ainda um symptoma de senso

moral e não ouseis mais clamar: «abaixo o catholicismo!»

Padre Sanna Freitas.

SECÇÃO RELIGIOSA

O Milagre da Legião Fulminante

II

DEUS permite todos os acontecimentos para gloria de Jesus Christo e estabelecimento do seu reino eterno, e assim vemos que com o facto prodigioso da *legião fulminante* predispoz as cousas para dar á sua Igreja um periodo de paz, ainda que não foi de longa duração.

E' sabido que, passados tres annos, rebentou a perseguição contra os christãos mais violenta do que nunca: mas não é menos certo que, em consequencia do milagre da *legião fulminante*, Marco Aurelio tomou disposições mais favoraveis, fazendo cessar a perseguição contra o christianismo.

Esta circumstancia é mais um testemunho a favor do grande acontecimento da chuva prodigiosa. E além d'isso, elle é attestado pelo monumento existente em Roma, erigido pelos pagãos.

Com effeito, o edicto solemne, em que Marco Aurelio participa ao senado romano a grande victoria, alcançada contra os barbaros da Germania, e faz cessar a perseguição contra a christãos, confessa o facto, attribuindo o feliz successo ás orações da *legião fulminante*, composta de christãos.

Christianorum forte militum precationibus impetrato imbre — são palavras formaes do edicto imperial.

O original d'este documento ainda existia nos seculos III e IV, como affirmam Eusebio e S. Jeronymo.

Depois da morte do imperador, que succedeu no anno de 180, o senado romano lhe decretou honras divinas, erigindo uma columna que ainda se conserva em Roma, na praça principal do bairro que por isso se denomina o *bairro da columna*.

Na parte superior está collocada a estatua de Jupiter *pluvioso*, dando a chuva aos romanos e arremessando o raio aos barbaros. Os dous exercitos estão por baixo, um em desordem, o outro caminhando com a arma áo punho.

A columna, que tomou o nome de *Antonina*, e é a mais alta de Roma, contem o successo gravado pelos proprios perseguidores da religião christã. Em lugar, porém, de o attribuirem ao Deus dos christãos, o attribuiram a Jupiter, paé de todos os deuses!

Na verdade, não se podia mais cla-

ramente dar testemunho do facto prodigioso.

Geralmente o paganismo, queremos dizer o povo, attribuiu a victoria a Jupiter *pluvioso*; mas o imperador bem sabia que ás orações da *legião fulminante*, composta de christãos, era ella devida.

O senado tambem o não ignorava, em consequencia do edicto solemne do Marco Aurelio.

No entanto, ou para não render homenagem ao Deus dos christãos, cuja fé desconheciam, ou para não contradizer a opinião vulgar, lá fizeram gravar na columna o acontecimento prodigioso, attribuindo-o a uma falsa divindade.

Fizeram o que podiam, sendo pagãos; mas o christão exulta em ver as provas da sua fé gravadas n'um monumento, erguido pelos inimigos da verdade.

Já citamos a favor da realidade do facto miraculoso os auctores pagãos, Dion Cassio e Claudiano, e podiamos citar outros que dão igual testemunho, como Julio Capitolino e Themistio.

D'entro os catholicos, coevos ou contemporaneos, temos Eusebio, Suidas, Tertuliano, Santo Apolinario de Hierapolis, S. Jeronymo, S. Gregorio de Nyse, Paulo Osorio e outros muitos que todos concordam na sua existencia.

Apenas alguns pagãos o attribuiram aos magicos que seguiam o exercito romano: outros affirmaram que era devido ás orações e á piedade de Marco Aurelio.

Mas primeiramente esta opinião cahe por sua natureza. Em segundo logar o proprio imperador reconheceu que o milagre foi devido aos guerreiros christãos, na carta que enviou ao senado romano.

Entre os protestantes, o sabio Guilherme Warburton demonstrou a verdade do facto miraculoso contra as chocarrices de Voltaire. E por essa causa o philosopho de Ferney, segundo o seu costume, cobriu de injurias o seu antagonista.

Weston, tambem protestante, igualmente estabeleceu a verdade do facto contra o seu correligionario le Clerc.

Apesar d'um facto tão documentado, alguns auctores, até entre os que se dizem catholicos tem pretendido negar que houvesse milagre.

Ora ouçamos o que diz o celebre Xavier Gmeiner, jansenista:

«Que a historia é verdadeira quanto á substancia, não se pôde duvidar, visto que os gentios attribuiram aquella chuva aos seus deuses, como consta da imagem de Jupiter pluvioso, gravada na columna Antonina: mas é difficil resolver se essa chuva foi um verdadeiro milagre.

«E' certo o principio cosmologico

de que não deve considerar-se como miraculoso aquelle acontecimento cuja razão sufficiente, pôde explicar-se como effeito das causas naturaes, ou das leis ordinarias e estabelecidas da providencia divina.

•Que cousa mais frequente que, no tempo do verão, depois d'alguns dias de ardente calor, succederem-se chuvas copiosas e repentinas?

•Podia tambem acontecer que já então o estado da atmosphera fosse tal, que d'ella sobreviessem chuvas, ainda que as não pedissem de joelhos os soldados christãos do exercito romano.

•E apesar de que o exercito dos barbaros fosse derrotado pela chuva misturada com fogo, não é isto motivo para que attribuamos o successo a causas sobrenaturaes; porque todos os povos da Germania, n'aquelle tempo, eram supersticiosos: julgavam que o fogo era fulminado pelos deuses, e consideravam isto como bom ou mau agouro.

E' com estes e outros argumentos futuros que se pretende negar ou pelo menos pôr em duvida um facto que está revestido de todas as circumstancias de verdadeiro milagre. Toda a negação se reduz a meras supposições que não resistem a uma critica illustrada.

O cardeal Cesar Baronio, Thomaz Maria Mamachi e Pedro Daniel Huet provaram a verdade do milagre da *legião fulminante*, de maneira que em vão poderá ser contestado.

A famosa columna Antonina foi de novo levantada pelo Papa Sixto V, e dedicada ao Apostolo S. Paulo. Em lugar da estatua de Marco Aurelio, vencedor dos barbaros, que estava no alto do obelisco, fez o immortal Pontifice collocar a estatua de S. Paulo, tambem vencedor dos barbaros.

O Santo Padre mandou gravar a seguinte inscripção:

*Sixtus V. Pont. Max.
Columnam Hanc
Ab Omni Impietate
Expurgatam
S. Paulo Apostolo
Aenea Ejus Statua
Inaurata In Summo
Vertice Posita D. D.
A. M. D. LXXXIX. Pont. IV.*

(Sixto V, Summo Pontifice, dedicou esta columna, purificada de toda a impiedade, ao Apostolo S. Paulo, cuja estatua de bronze dourado mandou collocar no cume, no anno de 1589, do seu pontificado quarto.)

A columna tem mais a seguinte inscripção que manifesta o seu novo destino:

*Triumphalis
Et Sacra Nunc Sum
Christi Vere Pium
Discipulum Ferens*

*Qui Per Crucis
Praelicationem
De Romanis
Barbaris Que
Triumphavit.*

«Sou agora triumphal e sagrada, sustentando o discipulo verdadeiramente pio de Christo, que pela prègação da cruz triumphou dos romanos e dos barbaros.»

Eloquente inscripção do genio christão!

Marco Aurelio triumphou dos barbaros do norte por meio dos Christãos do seu exercito; mas em lugar de abraçar a religião do Calvario e prestar culto ao Deus a quem devia a victoria, perseverou em sua cegueira. S. Paulo, por meio da cruz, triumphou dos romanos e dos barbaros do mundo inteiro.

Assim, a columna Antonina proclama o triumpho glorioso do christianismo, alcançado sobre os barbaros, pela *legião fulminante*, e pela Cruz, emblema mais poderoso que a mesma legião, que tambem triumphou pela cruz.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

Concordia

Firmissima, ut tempus postulat, «*concordia voluntatum*» eis o precioso sècho das preciosas Palavras dirigidas por Sua Santidade Leão XIII aos seis novos Cardeaes, depois que estas Eminencias receberam o Barrette Cardinalicio e que o Eminentissimo Melchers fallou em nome de todos os novos Cardeaes e no seu.

Como seja de primeira necessidade a *concordia dos homens de boa vontade* e como o meu espirito esteja de continuo promovendo a discordia entre os que reputo dedicados ou apenas inclinados ao bem, em presença de aquella necessidade e do alludido *satânico empenho*, Sua Santidade não cessa de promover e recomendar a boa *concordia voluntatum*.

Estamos em tempo de tanta debilidadade que é mister repetir o que n'outro tempo seria bastante dizer uma vez; aos surdos forçoso é gritar e repetir, e tanto mais que *nestes dias* abundam de aquelles *surdos* que não quèrem ouvir.

Da *concordia das vontades* no serviço da Justiça deve advir um bem, que só Deus o poderá medir em toda a sua extensão! e bem feito ou realisado, e mal desfeito e evitado; e taes resultados só estão dependentes da vontade dos *homens de boa vontade*, pois que a *parte de Deus* aliás o *Principal*, diz-nos a

Fé: está prompta! Morram as disencões, embora pareçam a certos individuos justificadas; *guarde* cada um o que Deus lhe permittir *guardar*, mas não se guarde algum de servir a Causa Santa Catholica Apostolica Romana, pondo esta *a cima de tudo e sem par*, pois que *sem igual a tudo se sobrephoe* porque sebreposta a todas as cousas pela Sabedoria e Poder Immenso! Assim vem recommendado de *Lá*, de esse *Lá* que para todos é *cá*—*a Cadeira de Pedro!* Aquelle *Santo Anção* que já não tinha forças physicas para maior discurso, achava-as ainda em Si bastantes para dizer: *Irmãos! amai-vos uns aos outros!* segundo Deus, bem se entende. Sua Santidade Leão XIII ainda dispõe de maior rubor physico, põem repete de continuo a recommendação da *concordia das vontades*, segundo os Divinos Designios, como a maior das necessidades *ut tempus postulat!* façamos—*Lhe* a vontade, que é a Vontade da Vontade Eterna! vai n'isto o nosso verdadeiro interesse individual, o interesse da familia, o interesse das Nações, sim o interesse *Religioso e Social!*

Dom Antonio d'Almeida.

Alguns pensamentos de D. Fr. Caetano Brandão

(Continuado do n.º antecedente)

O ministerio de Bispo não é de honra, mas de trabalho.

A experiencia nos ensina que, ainda que instruidos nas maximas sanctas da Religião desde a mais tenra infancia, fortificados com tantos socorros de Sacramentos, leitura de bons livros, pratica de ministros ecclesiasticos, exemplos de pessoas virtuosas, e outros subsidios que a Providencia tem depositado no seio de uma sociedade politica e christã, sente comtudo o espirito uma pasmosa debilidadade, se casualmente nos achamos em lugares desprovidos d'estes socorros, e onde a alma só descobre objectos capazes de a embrutecerem: então é que as ideas se materialisam á força de rolaem sobre a terra: não ha emulação, nem pejo, nem temor, quero dizer, os estímulos ordinarios que despertam os mais nobres sentimentos do coração humano: os canaes da graça se vão entupindo pouco e pouco; e, como se não forceja pelos desembaraçar, eis-aquí, em breve tempo, o espirito mais

robusto não só fraco e esvaido, mas empégado totalmente no lódo dos prazeres sensuaes.

*

Oh! Quanto é difficil conter o bruto indomito na sua carreira depois de vivamente esporeado! Testemunhas Luther e outros impios da mesma farinha, de que faz menção a Historia.

*

Ninguem, por mais instruido e por mais ornado que seja de prendas e de qualidades brilhantes, tem motivo para se elevar: nada possuímos que não venha de Deus.

Elle deposita na creatura estes bens para que ella os refira todos á sua fonte, e para que o louve de continuo por ter sido mais liberal para com ella.

*

O merecimento não está em gozar, mas em padecer e obrar; não está em gastar o tempo da oração em lagrimas de ternura, mas em tirar d'alli força e valor para pelear contra as proprias paixões.....

*

Se não houvesse tanta falta de operarios zelosos, a terra daria muito e bom trigo; porém o *Omnes, quae sua sunt, quærunt* do Apostolo, tem muitos seguidores por toda a parte.

*

Vá o homem exterior desfazendo-se em ruinas, com tanto que o interior se aperfeiçõe.

*

No caminho do céu umas vezes repousa o passageiro, regalando-se com o orvalho que está cahindo do céu; outras vezes é preciso correr montes e brenhas temerosas para se refrescar com uma gota de agua.

*

O vicio, principalmente o da incontinencia, caminha sem mascara, soberbo e desaforado: não ha nada que lhe resista: semelhante a um diluvio universal tudo allaga, destroe e confunde, e nem os outeiros mais elevados, que parecem tocar com a cabeça no céu, escapam á sua furia.

*

A vida solitaria é vida de extremos: ou faz anjos, ou demonios.

*

Deus nos trata como um Pai benigno: fugimos-lhe dos braços; acêna, convida, solicita por diferentes meios interiores e exteriores: mas se vê que apesar de tudo isto corremos á nossa ruina, acôde com o açoite perdas de bens temporaes, enfermidades, aleives, frustração dos mais bellos desejos e ou-

tros acontecimentos tristes, em que não deixam de entrar muitas vezes as quedas mais vergonhosas—são os cordeis de que se compõe o flagello empregado pela mão divina. Então o peccador, como despertando d'um profundo somno, abre os olhos, vê o precipicio onde ia despenhar-se, treme, beija a mão que o fere, e, corrido e envergonhado, volta ao seio do carinhoso Pai que o abraça com entranhavel alegria, e nas lagrimas de um verdadeiro arrependimento lhe costuma dar o testemunho menos equivooco da sua antiga affeição.

*

O vicio em quem governa é vicio posto a cavallo e entronisado, que, em lugar de ser estranhado, se faz honrar e respeitar, e d'aqui nasce o estrago e perdição de muitos.

*

Que pôde um Bispo n'estes dias calamitosos em que os subditos refractarios acham sempre aberta a porta dos Tribunaes da Corôa..... para frustarem o zelo dos Superiores?

Padim da Graça—Agosto de 1885.

P.º Joaquim José Soares.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

(Continuado do n.º antecedente)

VI

Straus, Hegel e Dupuis

O seu mytho metaphysico.—A existencia do Jesus provada pela confissão de Suetonio, Tacito, Celso, Porphyrio, Plinio o Joven e Josephi.—Os escriptores ecclesiasticos do seculo I.—Os heregos do seculo II.—O Thalmud.—Dattas historicas.—Reflexões.—Os philosophos do seculo XVIII.

ESTAVA reservada aos impios allemães a negação da existencia de Jesus suppondo-o um mytho metaphysico, e a tão rara hypothese não podia faltar o obrigado apoio de alguns criticos francezes.

Merece porventura semelhante absurdo uma resposta formal?

Parece incrível que o senso commum se transtorne até o extremo de negar um facto historico unanimemente referido por escriptores, inimigos irreconciliaveis d'uma religião cuja moral combatia os seus vicios e paixões.

O nascimento do Christo, os seus milagres e a sua doutrina, a sua morte horrivel no supplicio, a Resurreição gloriosa e Ascensão ao céu de seu corpo, são acontecimentos tão provados como a existencia e o tragico fim de Socrates e de Cicero, os quaes conhecemos por suas obras e pelo testemunho de escriptores contemporaneos: e se a critica admittisse duvidas contra semelhante prova, seria licito, depois de alguns seculos, converter em mythos metaphysicos o Dante, o Tasso e Cervantes.

Um pyrrhonismo d'este genero, que destroe irreflexivamente a primeira regra da critica, negando a auctoridade dos antigos escriptores, destroe do mesmo modo toda a certeza historica, tornando este estudo pouco menos que impossivel.

Como os feitos do Messias e o ensino moral que prégou aos homens não podem offerecer á critica severa motivo algum em que ella possa cevar-se pela universal admiração que esses feitos e ensino tem excitado, appellaram certos pantheistas allemães para a negação da existencia d'elles, successo que nunca jámais alguém poz em duvida.

Suetonio falla de Jesus como fundador d'uma religião desconhecida, (1), e Tacito refere que aquelle personagem foi condemnado a infame execução pelo governador Poncio Pilato (2); Celso e Porphyrio recordam a sua existencia (3), e que o Imperador Tiberio quiz collocar-o no numero dos deuses.

Em honra de Christo mandou Adriano levantar um templo, e Alexandre Severo quiz dedicarlhe templos, como Lampridio nol-o refere (4), acrescentando que não pôde collocar-se n'elles a estatua de Jesus, porque *annunciaram os oraculos que o imperio se converteria ao Christianismo.*

Estes escriptores citados eram pagãos, e por conseguinte inimigos furiosos da nova religião, contra a qual abrigavam obstinadas prevenções: o maior numero d'elles foram auctores contemporaneos, e os restantes foram tão proximos, que as suas narrações não podem offerecer

(1) Suet. *Vit. Ner.*, cap. XIV.

(2) *Annos*, liv. XIV, cap. XLIV.

(3) *Orig. contra Cel.*, liv. II.

(4) *Lamp. Vita Alex. Sev.*

duvida nem desconfiança: e como seria muito prolixo inserirmos n'este artigo todas as passagens das obras que deixamos indicadas, limitar-nos-hemos a uma parte da carta dirigida ao Imperador Trajano por Plínio o Moço, sendo proconsul do Ponto e da Bithynia, documento que prova a santidade dos fieis primitivos e a existencia historica de Jesus Christo.

«Confessavam, ser esta, em summa, a substancia da sua culpa ou do seu erro: ferem-se acostumado a juntar-se um dia antes do sair do sol: recitarem a dois côros canticos em louvor de Christo como se tivesse sido um deus: obrigarem-se solemnemente a não commetter maldade alguma, senão a absterem-se dos furtos, latrocinios e adulterios: não faltarem à fé ou à palavra, e serem fieis na conservação dos depositos.

Retiravam-se depois de concluidas estas funcções, voltando a reunirem-se para celebrar simples e ordinarios convites...

Julgou conveniente atormentar duas servas das chamadas diaconisas, com o fim de conhecer a verdade das suas declarações; mas não pude saber cousa em contrario, nem vencer a sua inflexivel inclinação para tão exaggerada superstição (1).»

Josepho, escriptor d'aquelles tempos, e como judeu, vivamente preocupado contra o christianismo, recorda Jesus Christo como personagem celebre geralmente conhecido no seu paiz, e cuja biographia era bem sabida, não só pelos seus discipulos, mas tambem por todos os judeus e por aquelles implacaveis e ferozes inimigos que o levaram ao supplicio (2).

(Continua.)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrijo.

SEÇÃO CRITICA

Morte ao Clericalismo!

ESTE grito, que ha um seculo se esenta nas escolas revolucionarios de todos os paizes, foi levantado no dia 18 de julho ultimo na capital do reino fidelissimo, na mesma terra onde reside o rei de Portugal, o

descendente d'esses reis, que á custa do sangue do clero alargaram as fronteiras do reino lusitano, e levaram a civilisação e o nome da Patria a todas as terras onde se podia cravar a cruz e a bandeira das Quibas!

Na redacção do jornal athen, o «Seculo», d'esse jornal que é ao mesmo tempo inimigo da Religião Catholica e das instituições politicas que agora nos regem, reuniram-se os demagogos da capital para fundarem uma *associação anti-clerical*. Isto é uma associação que rouba a creança ao ensino da Religião, que roube á mãe de familia os consolos da mesma Religião, e que faz do paé, um sclerado, que troque o lar, a companhia da esposa querida e do filhinho estremecido, pela taberna, pela companhia dos incendiarios e dos assassinos. Uma associação que se arme até aos dentes para atacar o padre em todos os redutos onde elle appareça para exercer a sua missão de paz e amor; que feche a porta ao moribundo para que o padre o não ajude a morrer abraçado á cruz, e que faça do cemiterio um local de despejo municipal, onde em vez do padre appareça o maisim policial, em vez da cruz o sabre do aguasil.

É o fim a que visa a tal *associação anti-clerical*, porque assim o diz o programma apresentado na reunião do que fallamos, programma que não podemos aqui estampar por demasiado extenso, mas de que daremos uma amostra a nossos leitores, com os seguintes trechos, que d'elle copiamos:

«O nome —Anti-clerical— parece-nos o mais adequado n'este instante á Associação projectada. Contra o clero, contra essas phalanges romanas, mil vezes mais prejudiciaes do que as antigas phalanges guerreiras; porque se estas derriam a independencia dos povos, juntando os campos dos cadaveres em combates leaes, aquellas matam o futuro das nacionalidades, substituindo no azar da guerra declarada e franca pelo triumpho certo do veneno, ministrado a todos secretamente no confissionario e na alcova, sem distincção de mulheres, de creanças e de invalidos. Enquanto as phalanges romanas levavam aos povos incultos a luz da civilisação, o brilhantismo da sua litteratura e dos seus codigos, estas modernas phalanges de Roma escondem-se na escuridão da terra como escastrachos a sugar a seiva da planta mimosa e bella que se ergue para o ar. Enquanto o antigo militarismo de conquista visava os peitos dos homens mais fortes e sãos, este moderno militarismo de larda negra e chapen de borlas, apraz-se em triturar o espirito da mulher e da creança, como se fosse linhaca em almofariz de bronze.

É pois, contra essa milicia terrivel

que se devem voltar todos os nossos ataques. Anti-clerical, isto é, contra os soldados de Roma, que não cessam um instante de combater a liberdade em tudo e por tudo.»

É contra o padre, que essa associação se levanta, contra o padre, ministro da Religião do Estado, contra o padre que em toda a parte e por todos os modos prêga a obediência ás leis, o respeito aos superiores; nem por isso a policia penetrou n'esse antro de conspiradores para lhes ensinar o caminho do presidio! É que a policia vigia mais os padres que os seus inimigos, porque os governos são tambem inimigos do padre!

Continuemos a observar os dislates:

«A Associação anti-clerical não deve ser monarchica nem republicana, nem positiva, nem materialista: deve ser o gremio de todos os que pretendem desde já a independencia da lei civil e a emancipação dos principios religiosos, e em especial do catholicismo. E para affirmar esta ideia, entendemos que se deve pedir aos associados a observancia rigorosa do registo civil e aconselhar a cada um que deposite nas mãos do presidente da assemblea a declaração mais manifesta e provativa de livre pensamento, a declaração de querer ser enterrado civilmente.

A mulher foi sempre o elemento inconsciente e cego do padre em todas as manifestações da actividade febril da Igreja contra as conquistas da sciencia social.

Arranquem ao padre a mulher e a creança, que o padre cahirá fulminado pelo horror da sua propria obra.»

Tiveram a mesma ideia os Magalhães Lima de 1831, quando fecharam as portas dos conventos, porque no convento havia a educação religiosa, ministrada gratuitamente ás creanças, e, no templo, proximo do convento, havia o confissionario onde a mulher recebia os conselhos sublimes do ministro da Religião de Jesus Christo. Mas a morte do frade não matou o padre, e por isso hoje decreta-se a morte do padre, como amanhã se decretará a de todos os catholicos: porque nas palavras *anti-clericaes* está comprehendido tudo quanto cre em Deus, tudo que ora, tudo que vai ao templo.

Adunaremos mais:

«Portanto, senhores, arranque a mulher a influencia clerical, parece-nos o mais bello serviço prestado á civilisação moderna. Emancipar, libertar esse escravo escravo, é um grande trabalho da democracia contemporanea. Por isso nós proponhos que a mulher possa ter assento n'esta assemblea, com voto deliberativo, e consultivo, finalmente com os direitos e deveres de todos os outros socios. Se é util a lucta das ruas, que grava

(1) Plin. epi-l. 97. ad Traj.

(2) An. jud. tomo XX cap. IX.

na historia as conquistas politico-sociaes-religiosas, mais util é a lucta da familia que nos prepara o terreno, tão util que, bem comprehendida, dispensaria a outra. E ahí o luctador é a mulher.»

Vo-se que os *amigos* da mulher querem vel-a no seio da familia, como a viram nas ruas de Pariz, Alcoy e Cartagena, agitando o facho incendiario, brandindo o punhal do bandido, para ensinar aos filhinhos como se invadia uma igreja, como se assassina um padre! Bravo, *anti-clericaes* do seculo de-senove! Não vos agrada a mulher christã, ajoelhada aos pés da imagem de Jesus, ensinando aos filhinhos as palavras evangelicas—*Padre nosso que estaes no céu, santificado seja o Vosso Nome, venhi a nós o Vosso reino*; quereis antes a mulher dos lupanares, a mulher dos bordéis, com que vos daes melhor, a ensinar aos miseros filhos, mortos de fome e de frio, a vida depravada dos paes, a negação do direito paternal, e todos esses ensinamentos criminosos, que farão da pobre creança, primeiro um vendedor de jornaes de dez reis, e depois um frequentador das cadeias.

Quando a mulher for o que os *anti-clericaes* querem ella seja, a sociedade será uma sociedade de bandidos.

Mas vejamos, por ultimo o que se propõe fazer ainda a *anti-clerical association*:

«De resto a Associação propor-se-ha o estabelecimento de filiaes em todos os pontos do reino onde possam ter lugar, o auxilio aos livres pensadores perseguidos pela intolerancia do estado; socorros pecuniarios aos que quizerem usar do registo civil e não tiverem recursos para isso, apoio decidido ás escolas livres e seculares que se fundarem no paiz; a realisação de conferencias ou comicios publicos, quando as circumstancias o exigirem, velar rigorosamente a lei civil; publicação de pamphletos, livros ou relatorios anticlericaes; fazer o arrolamento das escolas jesuiticas em Portugal, como os bens nacionaes que lhe tem sido cedidos e a analyse dos seus livros, dos seus methodos de ensino, do numero de creanças que as frequentam até onde for possível as nossas investigações e segundo os meios de que dispozermos, etc., tudo regulado pelos respectivos estatutos.»

Não transcrevemos mais, porque de mais é o que ahí fica para se conhecer o inimigo. Resta-nos levantar o alerta e chamar com elle á lucta todos os catholicos e com especialidade o clero. Pena é que nem todos acudam ao nosso chamamento, porque ha catholicos, por desgraça, porque ha sacerdotes catholicos, por maior desgraça ainda, que não assignam o *Progresso Catholico*, que não promovem a sua propaganda,

mas que assignam, propagam o *Seculo* e mais jornaes *anti-clericaes*. Não tiveramos nós de lamentar tal cegueira e a imprensa catholica seria baluarte insuperavel para defender o clero e o catholicismo, e para esmagar, triturar, fazes desaparecer todos esses defensores do livre pensamento.

Sim, aggrupem-se em torno de nós, em torno da imprensa catholica todos os padres, e com elles todos os catholicos, e nós lhe apresentaremos cadaver a hydra da Revolução em Portugal.

Elías de Sampaio.

Coisas! Coisas!

 QUANDO a gente anda mais atemorizada com a invasão do cholera, que de um dia para o outro se pode effectuar no nosso paiz, é triste, estupidamente triste que haja quem não faça rir!

O sr. dr. Vasques de Mesquita, que não temos a honra de conhecer, graças a Deus, convidou o povo do Porto, do Porto liberal, já se entende, para uma reunião no christalino palacio. Como era de esperar, os convidados foram, e os *cradores* tambem.

Lá estava Emygdio de Oliveira, Heliodoro Salgado, Themudo Rangel, em nome da Associação Liberal, que é sempre representada quando ha um brodio aos que gostam de rir á custa dos outros, e tambem appareceu o tal Felisardo de Lima, bem conhecido pelas suas *proesas* em Basto o Fa-fe. Este typo, ao que parece, é amigo dos palavriados nas reunies populares, porque, se nos não enganamos, já uma occasião se derigiu a Guimarães, á terra por excellencia catholica para arengar ás turbas, em prol do socialismo, de que elle é porco apostolo.

Todos sabem em Guimarães como o tal Felisardo foi recebido, não chegando a realisar a festa, porque o povo procarou-o, e seria uma vez o Felisardo, se a auctoridade, por co-miseração lhe não serve de escudo, dando-lhe escapula pelas traseiras da hospedaria onde estava; porque se assim não acontece, Felisardo não saia de Guimarães inteiro.

E tanto se escandalizou com o catholico povo de Guimarães o tal Felisardo, que depois, quando já não via Guimarães, escreveu um folheto, que eu conservo como *preciosidade*, em que chamava á nobre terra que foi berço da monarchia, Alcoy! Pobre homem, não saber que em Alcoy houve petroleiros, e o unico petroleiro então em Guimarães era elle!

Fiquei a gostar muito do povo de Guimarães, desde então, porque esfarrapava no meio da rua o primeiro pedante que lhe ia fallar contra as suas crenças.

Salvó! vimaranenses!

Mas, a que proposito veio a reunião, e para que se couvidou o puro *liberalismo* portuense?

E' verdade, nem me lembrava!

Como nossos leitores sabem, pelo que n'esta folha se disse, a mesa da irmandade de Santo Antonio do largo do Marquez de Pombal, fazia cousas dignas de gente livre insultando o digno sacerdote Sr. Padre Rocha. O Em.º Cardeal D. Americo soubo do facto, informou se bem, e communicou á dita meza o seu desagrado pelos factos occorridos. Não obtendo resposta, o venerando membro do Sacro Collegio Romano, fez publicar o seguinte decreto:

«Havendo-Nos representado um grande numero de diocesanos, que, estando no costume de receber com frequencia os Sacramentos da Penitencia e Eucharistia na Capella de Santo Antonio, sita na praça do Marquez de Pombal, da freguezia do S. Verissimo de Paranhos, se veem privados de poder satisfazer esta sua devoção em consequencia da Meza Administrativa da Confraria, erecta na dita Capella, pôr embaraços á administração d'esses Sacramentos, e principalmente porque o Reverendo José Coelho da Rocha, de quem os recebiam, fôra tumultuariamente expulso da Capella e se lhe tem impedido o ingresso na mesma; factos estes dos quaes não podemos duvidar por serem de notoriedade publica: o não havendo a Meza Administrativa dado resposta alguma ao Nosso officio que em data de 18 de julho ultimo lhe dirigimos para declarar os motivos do seu procedimento, nem attendido ás exhortações e conselhos que mais de uma vez em Nosso Nome lhe foram presentes pelo seu Excellentissimo Juiz a pedido Nosso;

Considerando que n'uma Capella publica não pôde ser impedido o ingresso senão áquelles que os Sagra-dos Canones d'elle excluem por censura ecclesiastica d'excommunhão publica, nem pôde ser negada a administração dos Sacramentos que na Capella fôr permittida pelo Prelado para bem espiritual dos Fieis, e por maior força de razão muito menos se pôde obstar arbitrariamente ao exercicio das suas Ordens a um Presbytero munido das necessarias licenças concedidas pelo Ordinario:

Attendendo a que tal proceder da parte da Meza Administrativa da Con-

fraria de Santo Antonio é tanto mais censuravel, quanto para obter de Nós a necessaria permissão de ter Confessionarios e Sacrario repetidas vezes allegou por um lado a muita devoção dos fieis, e por outro o seu desejo de satisfazer, e mesmo o seu empenho em coadjuvar o Reverendo Parocho no ministerio de administração de Sacramentos;

Attendendo a que por fórma alguma é da sua competencia determinar a maior ou menor frequencia d'essa administração, e muito menos coarctar a seu bel-prazer as faculdades que delegamos n'um Presbytero;

Tornando-se, pois necessario empregar os meios ao alcance da Nossa

des ou licenças Nossas, concedidas a esta Capella ou á Confraria n'ella erecta, que não sejam expressas nos Estatutos d'esta; e d'hoje em diante deixamos de ser seu irmão honorario.

4.º—Fica salvo ao Reverendo Parocho de Paranhos o seu direito de ouvir n'esta Capella de Confissão a quaesquer pessoas do sexo masculino, e o mesmo aos outros Reverendos Parochos com relação aos seus proprios freguezes, nunca porém em Confessionario.

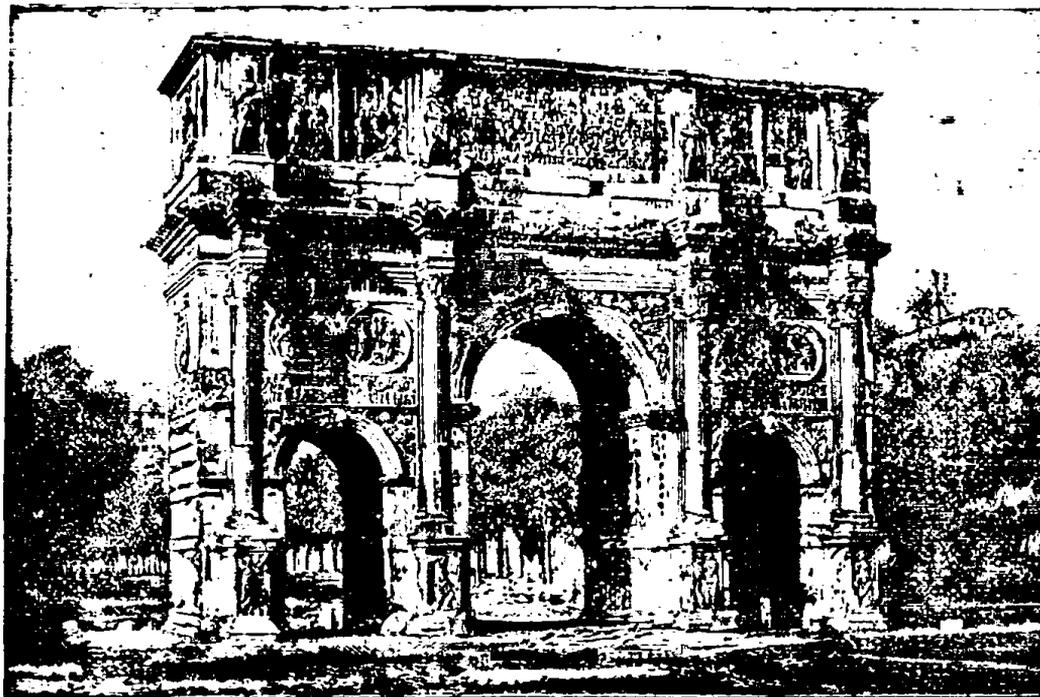
5.º—Continua a ser licito a qualquer Presbytero, por Nós auctorizado, dizer Missa n'olla; confiamos, porém, que o Nosso Reverendo Clero, de cuja dignidade somos defensor constan-

terminações justissimas do Em.^m Sr. Cardeal D. Americo, que os *liberalissimos liberaes* se reuniram!

S. Em.^a andou admiravelmente, e nós, catholicos, escriptores, ainda que os ultimos entre os nossos collegas, collocamo-nos respeitosos ao lado do digno purpurado, promptos sempre para a defesa, e para o combate se tanto fôr mister.

Louvemos ao Senhor pelas deliberações de S. Em.^a, e demos largas ao riso, pela pedantesca estulticia dos *meetingueiros*.

Contra o que so diz, prenderam-se os diabos todos, na maior parte d'elles na casa da *Associação libera-*



ARCO DE TRIUMPHO DE CONSTANTINO

auctoridade para que esta não seja desconsiderada, nem offendido o Clero, e vexados os Fieis, Havemos por bem ordenar o seguinte:

1.º—Retiramos e cassamos as licenças dadas á Capella de Santo Antonio, sita na praça do Marquez de Pombal, por jurisdicção Nossa para ter Confessionario, e pela delegada Apostolica para ter Sacrario com o Santissimo Sacramento da Eucharistia permanente.

2.º—Prohibimos a todos os Presbyteros sob pena de suspensão *ipso facto* ministrarem n'ella a Sagrada Communhão do Sacrario, ou fazerem qualquer Exposição do Santissimo Sacramento, bem como de ouvirem de confissão a quaesquer Fieis sob pena de nullidade a absolvição por falta de jurisdicção.

3.º—Retiramos igualmente e declaramos nullas quaesquer outras foculda-

te, lembrando-se do respeito que é devido ao seu character Sacerdotal, se absterá tanto quanto possivel lhe seja de ir exercer o seu ministerio onde não é acolhido com a deferencia e consideração a que tem direito.

Este Nosso Decreto será remetido em duplicado ao Reverendo Parocho de S. Verissimo de Paranhos, para o intimar ao Reverendo Capellão ou Vigario do Culto da Confraria de Santo Antonio, deixando um dos exemplares em seu poder para o entregar á Meza Administrativa, e devolvendo-Nos o outro com a nota de intimação pelo mesmo assignada.

Porto e Paço Episcopal, 14 d'agosto de 1885.

(Logar X do Sollo)=assignado=
Americo, Cardeal Bispo do Porto.

Foi para protestar contra as de-

portuense, em dia de S. Bartholomeu. Não andou n'esse dia, este anno, o diabo á solta, graças ao convite do diabo mestre o dr. Thonudo Rangel, que, á sua voz potentissima os fez encurrular todos no salão da liberal associação. Bem haja o mestre Thonudo.

Esta reunião diabolico-liberalesca teve lugar para se pôr o exorcito dos macaquinhos da geringença em acção contra os jesuitas! Grulharam por espaço de tres horas os mancebinhos da Revolução, e, afinal, por proposta d'um tal Borges d'Avellar, bem conhecido em todas as verrinas das ruas e dos comícios, accordaram todos no seguinte:

«Que haja amindados comícios de propaganda anti-jesuitica, em locaes diferentes, onde se exponham ao povo ideas liberaes e attinentes a pre-

cavel-o contra os perigos da reacção ultramontana.»

Temos, pois, *propaganda anti-jesuítica*, que é propaganda contra a Igreja, contra a sociedade, contra as instituições vigentes; porque o jesuita é soldado da Igreja, columna da sociedade e mantenedor das instituições e leis de qualquer paiz.

Temos mais: *ideias liberaes*, isto é ensinar ao povo o roubo e o assassino em grande escala, o insulto á pessoa do Rei, do Papa, e ao clero em geral, o menospreso a todas as leis, a abolição de todos os direitos.

A Igreja bem livre está dos planos d'estas formigas importunas, porque tem a Cruz e Agua benta para se libertar de taes ameaças; quem, porem, não está em bons lençoes é a pessoa do Rei, é a auctoridade, é a propriedade, e a honra e o bem estar das familias. Valer-nos-ha se os governos tiverem os *apostolos* das trevas sob a mira das espingardas dos seus soldados, e sob o fio dos sabres policiaes, e lhe forem preparando passagem para os presidios d'África. Se assim não fizerem, estão bem servidos os governos, os reis, e os povos; mas a Religião, mas a Igreja, essa ha-de levantar-se sempre sobre os destroços de todos os seus inimigos.

Um leitor de Gazetas.

SECÇÃO LITTERARIA

PUBLICAMOS hoje, uma mimosa poesia que diante do Castello de Guimarães, d'esse padrão de immorredoura gloria, escreveu o Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio Pereira da Cunha, n'uma das visitas que a esta cidade fezera.

Com a publicação d'esses versos, que são uma homenagem ao passado, honramos as columnas da nossa Revista, porque são a produção de um dos mais notaveis poetas de Portugal, e repetimos ao mesmo tempo o brado do portuguez de antes quebrar que torcer, soldado junto d'esso gigante, que nem o camartello demolidor da nossa terra, nem as azas do tempo poderão derrocar.

«Eis ahí, agora os famosos versos — como diz o nosso precado collega a «Nação» d'onde os transcrevemos — que não só mostram a pujança do poeta, mas dão a medida do seu amor patrio, ferido e humilhado ao ver os destinos do moderno Portugal.»

AO CASTELLO DE GUIMARÃES

Um cômodo, por throno, e ameias, por diadema,
Nos hombros, manto d'hera, e os pés no inutil fôssco,
Eil-o, de fronte erguida, o indômito colosso,
Cofre de tradições, granítico poema,
Que, em cada pedra adusta, e que o musgo corrôe,
Uma data cêlébra é os feitos de um horôe!

Quem te decifre o aspecto e os mysterios te estude,
Colhe exemplos de gloria e lições de virtude.
Pela bocca e na voz d'essas nobres ruinas,
Em teu verbo expressivo, e na apparencia, rude,
A amar a patria e a Deus, sem cessar, nos ensinas.

Castello! A tua idade? — Extingue-se... no espaço. —
Que gente em ti viveu? — Uma de animo d'aço. —
O que a fez forte? — A fé! — O seu nome? — Titães. —
Quem te herdou? de quem és? — Possue-me Vimarães,
Mas sou do reino todo, e a todo honra eu faço. —

Tens razão. Nosso és. Da torre de menagem,
Viste, ufano, o caudal de vitorias, sem dique,
Que alcançou de Borgonha a incyta linhagem,
Quando Affonso, ao cumprir o plano audaz de Henrique,
Hercules novo, a um tempo, e de um golpe, desfez.
O erro e o orgulho vão, o *crescente*, em Ourique,
E os *iberos leões*, sobre as várzeas do Vez.

Viste, depois, de Aviz o homérico guerreiro
Da Virgem ante o altar vir depôr, de joelhos,
Os feixes de laureis, de sangue ainda vermelhos,
Que ceifou na batalha, em que o exercito inteiro,
Que nos julgou vencer, foi vencido, primeiro,
A' dádiva de rei juntando ainda outros dons, (*)
Do hymno triumphal inextinguiveis sons.

Viste isso tudo, o assaz para vinte epopéas...
O reverso de então, hoje, só, presencéas!

Lavra, não já o amor, a discordia entre irmãos;
Ha nas crenças, o gôlo, o vicio nas ideias;
Cede ao goso o dever; tornam-se os homens vão;
Miram ao lucro, só; e de austéros, egoistas,
Deixam ir o que vac... O sceptro das conquistas,
N'esta inercia, nos câo das enervadas mãos,
E, em Breve, sabe Deus, se o marasmo persiste,
Outra perda virá, maior e... ainda mais triste.

Tu, gigante senil, que á auspiciosa aurora
D'este reino, sem par, atônito, assististe.
Não lhe assistas tambem ao seu occaso, agora.
Se o berço lhe saudaste, evita ouvir da enxada.
Que lhe anda abrindo a cova, a lugubre pancada.
Faze-te cego e surdo, e já, não te demores,
Ante uma sceua tal as velhas faces vela,
Pois, com as ter de pedra, é possível que côres.

Mas ainda não... Bem ves, no ar já se enovella,
Por fatidica lei, a ultima tormenta.
Se envolta em raios, vem, e restruge e rebenta,
A fé renascera, e, com ella, outra era
De justiça, de paz e liberdade... Espera!

A. Pereira da Cunha.

(*) Um dos objectos offerecidos, e que se conservam na egreja da Collegiada de Guimarães, é o oratorio, que pertencia ao rei de Castella, e que lhe foi tomada em Alfubarrotta.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

D. José Barbosa

Religioso da Ordem dos Theatinos

Já veem nossos leitores que é de um frade que vamos fallar. d'um d'esses homens a quem Portugal deve todos os adiantamentos e progressos nas artes, nas sciencias, na agricultura etc. etc.

Na cidade de Lisbon e na freguezia de Nossa Senhora da Conceição nasceu a 23 de novembro de 1674 uma creança, que na pia baptismal recebeu o nome de José. Foram seus paes o capitão de auxiliares da corte, João Barbosa Machado, e sua mulher D. Catharina Barbosa. Aos nove annos entrava José Barbosa no collegio de Santo Antão, dos padres da Companhia de Jesus, para estudar grammatica e a lingua latina, onde principiou a mostrar a sua tendencia para as lettras, para a oratoria e até para a poesia. Aqui estudára tambem philosophia, e tanto se distinguira, que os frades Jesuitas tentaram persuadir-o a que entrasse no seu instituto, a que José Barbosa não annuiu, por lhe parecer que não estaria a tal altura.

Admittida em Portugal a Congregação dos Clerigos Regulares, ou theatinos, e já a este tempo com forte pé em Lisbon sob a invocação de Nossa Senhora da Divina Providencia, que se tornou *um verdadeiro seminario de erudição e doutrina*, como diz o notavel escriptor Innocencio Francisco da Silva.

Foi n'esta congregação que o joven José Barbosa entrara, aos quatorze annos de idade, apresentando como documento da sua capacidade litteraria, e como recommendação para ser admittido na Ordem, um *poema latino* de mil e tantos versos heroicos, celebrando as virtudes de S. Caetano. Pôde dizer se que os mestres ensinaram admiravelmente bem o seu discipulo! Se ellos eram Jesuitas!

O que é certo é que a congregação recebeu de boa mente o novo congregado, aos 6 de dezembro de 1689, dando-lhe a roupeta passado um anno, quando proferiu os votos sollemnes. Foi desde esta data que principiou a *ter Dom* como era uso na Ordem.

E durante 60 annos, que D. José Barbosa estivera ligado á congregação, mostrou assaz o quanto sabia e queria cumprir os seus deveres, tanto no ensino, como no confissionario, como no pulpito, e nos estudos historicos em que tambem se distinguira com notavel saliencia. Em 1702 foi escolhido para pregar nas domingos de quaresma na sua igreja, e foi então que D. José Barbosa adquirira foros de

orador notavel, tendo por admiradores todos os grandes homens do seu tempo, e até o proprio D. João V, que, para lhe galarduar os seus serviços o nomeára chronista da casa de Bragança, cargo que desempenhou dignamente, deixando escriptas as vidas dos cinco primeiros duques de Bragança.

Em 1721 instituia-se, debaixo da protecção de El Rei D. João V a academia real de historia portugueza, e tratando-se da occupação dos cincoenta lugares de academicos, D. José Barbosa foi dos primeiros a ser inscripto, e dos serviços por elle prestados a esta associação fallam os doze volumes da *Collecção das memorias e documentos*, publicada pela academia, desde 1721 a 1736.

Apresentou á academia duas obras de subido preço, que foram publicadas em 1727, intituladas—*Catalogo chronologico, historico, geneologico e critico das rainhas de Portugal e seus filhos, e Memorias do Collegio real de S. Paulo da universidade de Coimbra, e dos seus collegios e porcionistas*.

Em 1733 imprimia um outro livro, que só elle é bastante para fazer os *sabios* do seculo das luzes embirrar com os frades. Chamava-se este livro—*Archithenaeum Lusitanum*, composto de quatro mil e trinta seis versos latinos, seguidos de um epitome em prosa na mesma lingua, em que o sabio Congregado apresentava as vidas e acções de todos os alumnos do Collegio de S. Paulo da universidade de Coimbra. Que grande latinista os *intrujões* dos Jesuitas foram capazes de crear! E mais são uns *malandros* estes Jesuitas, estes frades!

A grande collecção de obras raras e unicas que possui a bibliotheca nacional de Lisboa, deve-as a D. José Barbosa, que á custa de mil trabalhos e sacrificios, e pelo muito amor que tinha ao estudo, adquiriu a mais rica e copiosa livraria que até ao seu tempo se conhecia. Ociosidades e incuria dos frades, nada mais!

Cantando 70 annos foi nomeado preposito da congregação, cargo que aceitou com custo, e na tarde de 6 de abril de 1759, depois de recebidos todos os Sacramentos da Igreja, e de edificar a todos com as boas disposições com que se preparára morreu nos braços dos seus irmãos congregados, a quem deixou fundas saudes.

Aqui fica a traços largos biographado o padre congreganista D. José Barbosa, de que damos em gravura o retrato na primeira pagina, prestando assim humilde preito aos frades em geral.

Aos que maldizem os membros das Ordens religiosas, damos-lhe este famoso exemplar do frade; aos que a Portugal roubaram esses filhos da cari-

dade, e da sciencia, perguntamos o que nos têm dado, depois de meio seculo, em troca d'esse vulto venerando, que se envolvia no habito da penitencia.

II

Arco de triumpho de Constantino

D'entre os arcos triumphaes espalhados pela cidade de Roma, destaca-se o de Constantino, que dá entrada para a Via Appia, entre o Palatino e Colio. É uma obra esplendida pelos trabalhos artisticos que n'elle se admiram, e que prova o estado a que tinham chegado as artes no tempo do imperio romano.

Um livro ha poucos annos publicado (1) dá-nos d'este famoso arco a seguinte descripção:

«Foi levantado este arco pelo senado e o povo em memoria da Victoria de Constantino sobre Maxencio, como resa a inscripção seguinte:

IMP. CES. FL. CONSTANTINO MAXIMO PIO FELICE AUGUSTO

SENATUS POPULUS QUE ROMANUS QUOD INSTINCTU DIVINITATIS MENTIS MAGNITUDE CUM EXERCITU SUO TAM DE TYRANNO

QUAM DE OMNI EJUS FACIIONE UNO TEMPORE JUSTUS REM PUBLICAM VIRTUS EST ARMIS ARCUM TRIUMPHIS INSIGNEM DICAVIT.

Aos lados da triplíce arcada perfilam-se elegantes columnas corinthias e caneladas, encimadas de estatuas, já comidas do tempo. Diz-se que alguns dos baixos relevos provem do arco de Trajano; outros representam as victorias de Constantinos.

O estado das artes no tempo dos romanos prova que não foi em meio de um povo barbaro que os discipulos de Jesus Christo implantaram a arvore de christianismo; antes sim que eram povos civilizados e que por isso, conhecidas que lhes foram as maximas do Homem Deus, quebraram os idolos e reverentes se ajoelharam aos pés da cruz.

O arco de Constantino, que a nossa gravura reproduz é uma das preciosidades artisticas da cidade eterna. R.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

DALEMANOS na lingua patria uma obra que tratasse dignamente da Santissima Virgem; que nos levasse ás terras formosas do Oriente, onde tivera berço o Christianismo, e nos fizesse ouvir á sombra da palmeira gigante as tradições que de paes a filhos tem passado, atravez os seculos, acerca

(1) A Roma! Esboços e narrativas de viagem, por M. Capella, presbytero. I V. de 254 pag. edição de Teixeira de Freitas—preço 500 reis.

da Immaculada Virgem, Mãe de Deus e Mãe nossa.

Esta falta quer-nos parecer ficará preenchida com a publicação da magnifica obra de que temos sobre a banca o 1.º volume, sob o titulo de A ESTRELLA DE NAZARETH, LENDAS E TRADIÇÕES DA TERRA SANTA, SOBRE A SANTISSIMA VIRGEM MARIA, dado à luz por D. Luiz Garcia de Luna, e vertida para portuguez, por A. Moreira Bello.

Aos nossos leitores que se embriagaram com a leitura d'esse livro esplendido - *O Martyr do Golgotha*; que aspiraram o aroma d'essa mimosa poesia em prosa, que Perez Escrich espargiu por todo esse livro, recomendamos a ESTRELLA DE NAZARETH, porque é como que o complemento d'esse mimoso jardim da fé christã, ou antes o principio d'esse jardim formosissimo, todo cheio das castas flores da innocencia, prehe todo elle dos suaves perfumes de todas as virtudes. Sim, este livro é o jardim completo, porque o MARTYR DO GOLGOTHA levava-nos de Bethlem ao Calvario, e a ESTRELLA DE NAZARETH, levar-nos-ha de Nazareth mais longe ainda que o Calvario. Levava-nos-ha desde o mimoso jardim onde nascera a Mãe de Jesus, atravez de todas as alegrias e amarguras, de todos os prazeres e de todos os martyrios, por toda a parte onde se distenderam os mysterios augustissimos de nossa Religião augusta até ao sitio memoravel d'onde a Virgem Santissima fora elevada, entre grande numero de anjos, ao Ceu.

A linguagem do auctor d'este livro é mais aprimorada ainda que a do auctor do *Martyr do Golgotha*, e a traducção é feita como a sabe fazer o mimoso poeta, que bem conhecido é de nossos leitores.

É editor o Sr. Manoel Malheiro, da rua da Picaria—Porto, e o «Progresso Catholico» recebe desde já assignaturas a 500 reis o volume, ou 25500 os 5 de que se comporá.

Voltaremos a fallar d'esta obra.

· · · Lemos o 1.º n.º da interessante publicação que, sob o titulo de VULTOS HISTORICOS encetara em Lisboa o Sr. A. Porfrio de Carvalho Pereira.

O assumpto d'este primeiro n.º é sympathico porque é a biographia do INFANTE D. HEN-

RIQUE, d'esse valente cavalleiro da cruz, d'esse ouzado navegador que abriu, com a sua escola maritima de Sagres, o caminho ás mais ouzadas descobertas, a essa epoca aurea em que Portugal foi a maior potencia da terra, quando estendia seus dominios desde Ceuta, primeira facanha do moço heroe, até aos confins do mundo, depois de tornar todos os continentes.

Bom serviço vem prestar esta publicação, porque com ella podem seus leitores confrontar os heroes do passado, com esses outros heroes de casaca e lava branca, amarrados com synismo medonho á arvore da Patria, para d'ella fazerem o que faz o parasita enroscado ao roble frondente da floresta.

Lêa-se o INFANTE D. HENRIQUE e aprender-se-ha a ser portuguez, a amar as glorias patrias, e a aborrecer os seus inimigos.

O preço de cada n.º (folheto de 64 pag.) é de 100 reis por assignatura, e podem os pedidos ser feitos ao auctor, na rua do Bem-Formoso, 171, 1.º andar—Lisboa.

Agradecemos a offera do 1.º n.º e aguardamos os seguintes.

· · · A CHOLERA-MORBUS, sua prophylaxia e tratamento, é um pequeno folheto que o anno passado publicára o Sr. Dr. Lourenço d'Almeida Pinto, e que agora a casa Lopes & C.ª, do Porto, fez reproduzir e profusamente espallar, ao preço de 200 reis.

N'este opusculo se descreve a invasão do cholera na Europa, a origem da molestia, prognosticos da mesma, tratamento, etc. etc. apresentando algumas formulas do que se deve applicar ao choleric.

Depois do auxilio divino é bom tambem a prevençãõ da medicina, e por tanto tenham o livro.

Alberto das Guimarães.

SECÇÃO NECROLOGICA



Finara-se mais um dos primitivos assignantes do *Progres-*

so Catholico, o Exc.º Sr. Gaspar Ribeiro Gomes d'Abreu, cavalleiro professo da Ordem de Christo, e que fôra Provedor da Santa casa da Misericordia, da Irmandade dos Santos Passos, ministro da ordem Terceira de S. Francisco, etc.

Contava mais de 80 annos e ha muito que soffria, fallecendo no dia 14 do corrente, depois dos socorros da Egreja, de que fôra sempre filho dedicado, e tendo os officios do ritual na egreja de S. Francisco, foi o seu cadaver sepultado no cemiterio publico no dia 16.

Era d'esses homens antigos que não se esqueciam dos deveres de christão, ouvindo missa todos os dias, e visitando o sagrado Lausperenne nas diversas egrejas da cidade, e era um dos raros homens que em Guimarães tem amor pela leitura de bons livros.

A seus filhos e genro, de quem somos amigo, damos sentidos pesames, e a nossos leitores pedimos a prece costumada como suffragios por alma d'este nosso amigo, de quem recebiamos a visita quasi todos os dias.

Falleceu no dia 6 no hospital da Estrella, em Lisboa, outro assignante do *Progresso Catholico*, velho militar ao serviço de aquella casa, o Sr. Francisco José de Carvalho.

Possuia sentimentos de verdadeiro catholico e muito trabalhara pela propaganda da nossa Revista. Sorprehendeu-nos a noticia da sua morte, porque ha pouco haviamos recebido carta sua.

Deus, nosso Senhor tenha sua alma na eterna gloria e o que desejamos, e para isso pedimos as orações de todos os nossos amigos e leitores.

Ainda outro nome riscado da lista dos assignantes do *Progresso Catholico*, o Rev.º Ab. Manoel José Coelho, d'Alheira, em Barcellos. O fallecimento de este amigo do P. C. foi-nos comunicado pelo correio de Barcellos na capa do proprio jornal e por tanto ajoelhem-nos todos para orar por sua alma, pagando-lhe assim as orações que muitas vezes elle teria dirigido para satisfazer ao nosso pedido.

Está de lucto um nosso assignante, o Sr. Antonio José de

Abreu Campo Santo, e seu filho o Rvm. Dr. Joaquim de Abreu Campo Santo actual Reitor do Collegio de Campolide pelo fallecimento da esposa e mãe d'estes nossos conterraneos, realisado ha pouco n'esta cidade.

Oremos tambem por alma de esta nossa irmã e protestemos ao desconsolado marido e filhos o nosso pesar.

RETROSPECTO DA QUINZENA

NO dia 31 de julho passado manifestou-se um incendio no Paço Episcopal de Angra do Heroismo, que, felizmente, não teve funestas consequencias. Damos louvores ao Senhor, e pedimos aos nossos leitores os deem tambem por não estar n'essa noite no Paço o Venerando Prelado Angrense por se achar na sua quinta da Immaculada Conceição, e tambem por permittir que sahisse livre de perigos o nosso bom amigo o Rev.^{mo} Snr. P.^o Antonio Maria Ferreira, familiar do S. Exc.^a Rev.^{ma}

Ao virtuoso Prelado o Exc.^{mo} e R.^{mo} Snr. D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel e ao seu digno familiar os nossos parabens.

Contra o infamissimo pasquim que se publica em Angra do Heroisto para vergonha d'este reino de Portugal, com o titulo de *O Athleta*, onde se desrespeita a pessoa veneranda do Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. Bispo de Angra, protestam mais os seguintes catholicos da Beira Alta:

Rosa da Conceição Rebello, D. Antonio Cabral Leitão, D. Maria de Sá Osorio Leitão, D. Antonia de Sá Osorio Leitão, Luiz de Sá Osorio Leitão, Comendador Augusto de Sá Osorio e sua mulher D. Amelia Leitão, com toda a sua familia, D. Rita de Sá, D. Leopoldina Paes, Julia Paes Mamede, D. Maria Delfina Paes Mamede, D. Maria Augusta Paes, Barbara Maria Paes, João dos Baes, Maria dos Prazeres, Candida dos Rais, Antonia dos Rais, Antonio Fernandes Alves, Maria Joana Rita Carvalleda, Julia Carvalleda, João Luizino de Vasconcellos, e sua mulher D. Maria Augusta, com toda a sua familia, José do Carmo, Antonia do Carmo, Maria do Carmo Né, D. Maria da Gloria, Maria Adelaide, Carlota da Silva, Joaquina Rosa, D. Adelaide da Silva, Maria do Nascimento, Maria da Conceição e Sousa, Maria José, Maria José Pessoa.

No Consistorio de 30 de julho passado, como é conhecido de nossos leitores, foi preconisado Bispo de Bragança o Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. José Alves de Mariz, que será uma das glo-

rias do Episcopado portuguez, como o ha sido do clero e do professorado.

D'um nosso collega de Coimbra transcrevemos os seguintes dados bibliographicos de S. Exc.^a Rev.^{ma}:

«O snr. D. José Alves de Mariz, nascido em Coimbra em 5 de fevereiro de 1844 e baptisado na igreja de S. Thiago, passou n'esta cidade toda a sua infancia e tirocinio academico até se formar na faculdade de theologia em 6 de junho de 1865. Tomou a ordem sacra de presbytero no Porto a 28 de março de 1868, dada pelo Bispo d'aquella diocese, D. João da França Castro e Moura por estar então impossibilitado o Prelado de Coimbra, o Bispo Conde D. José Manoel de Lemos.

Foi despachado professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Aveiro em janeiro de 1870, sendo Vigario Geral d'aquella diocese o dr. Manoel Augusto de Sousa Pires de Lima Alli regou a principio as cadeiras de Hermeneutica Sagrada e de Direito Canonico seguindo na primeira o programma do distincto Exegeta o Dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo, lente da Universidade. Depois passou a reger a cadeira de Theologia Moral em consequencia d'uma reforma effectuada pelo referido Vigario Geral d'Aveiro no programma do curso theologico d'aquella Seminario em 1878.

Foi transferido para o Seminario de Coimbra em janeiro de 1885 pelo Ex.^{mo} Snr. Bispo Conde, onde tem regido a cadeira de Theologia Dogmatica geral, vaga pela exaltação para Arcebispo de Perga do Dr. Augusto Eduardo Nunes.

Da festa que na capella dos terceiros franciscanos d'esta cidade, se fizera na manhã do dia 23 de agosto, pouco temos que dizer, que mais não foi ella que a manifestação da piedosa devoção para com o Immaculado Coração de Maria, de algumas almas christãs; como porem, mais que o annunciar a festa, temos que fazer um agradecimento, é a rasão porque escrevo estas linhas.

Sobendo que os devotos do Sagrado Coração de Maria, não tinham com que recompensar o padre que lizesse o sermão, e que, com certeza o não haveria, dirigi me ao meu amigo e parochio dignissimo, P.^o José Fernandes Guimarães, pedindo-lhe abrihantasse a festa com um sermão, ao que elle immediatamente annuiu e da melhor vontade. E' pois, para agradecer ao illustrado sacerdote um tão notavel serviço que eu fallo da devota festividade em honra do Coração santissimo de Maria, porque são factos como este que inobrecem o padre, e que o fazem ser verdadeiramente um padre.

Mil agradecimentos pois.

O dia 23 de agosto passado foi para nós de summa alegria, porque o passamos quasi todo n'um presbyterie de aldeia, em companhia d'um parochio digno d'este nome. Estiveramos na freguezia do Salvador, ou do Mosteiro do Souto, onde é Prior o nosso amigo Rev.^{mo} Luiz Dias da Silva, sendo o principal motivo que ali nos levára, ver uma formosa imagem de S. Sebastião, que o nosso amigo mandara fazer no Porto. E' uma imagem primorosa, podendo dizer-se, que, no concelho de Guimarães, não haverá outra igual.

E por essa occasião vimos a que esta veio substituir, e rimos diante d'ella; porque não viramos nunca uma coisa tão caricata, como era o S. Sebastião, que por muitos annos, quem sabe quantos! se conservou n'uma igreja. Faz pasmar como parochio de mediana instrucção consentira um tal insulto à arte e ao glorioso Martyr da Fé. Imagine-se uma figura sem proporções artisticas, com uma cabeça como de mulher, com as mãos atadas ao fundo das costas, e ter-se-ha uma ideia do S. Sebastião, que se venerava no Mosteiro de Souto antes que o actual Prior, á custa de sacrificios a substituisse por outra.

Esta igreja do Salvador do Souto foi em remotas eras mosteiro de conegos regantes de Santo Agostinho, fundado por Dom Payo Guterres da Cunha, passando depois a commenda de Christo. Julgavamos ir ali encontrar algumas memorias d'esses tempos; mas nada, absolutamente nada mostra a actual igreja, aliás espaçosa, bem conservada e melhor cuidada, que recorde que fora um templo anterior á fundação da monarchia.

O actual Prior é fervoroso na sustentação do culto, e tem na mente a ideia de estabelecer ali o Apostolado da Oração, e de mandar fazer uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, e planeadas tem outras obras na sua igreja.

Folguemos tambem de ver que n'esta freguezia se não perdeu o costume de resar o terço nas tardes dos domingos, e de dar a Benção do Santissimo Sacramento, que na maior parte das igrejas parochiaes e conventos se perdeu, depois da resignação do Exc.^{mo} Snr. D. João Chrysostomo. Pois era uma pratica utilissima.

Grande consolação deve experimentar o nosso Santo Padre Leão XIII ao saber que o ministro dos negocios estrangeiros da Colombia communicara a Mons. Agnozei, delegado apostolico, que havia sido nomeado ministro plenipotenciario dos Estados Unidos da Colombia, junto da Santa Sè, M. Vely, que já residia em Roma na qualidade de agente official do mesmo Estado.

Podemos congratular-nos tamlem

com esta noticia, que mostra mais uma vez o alto espirito do actual Pontifice, e o muito que trabalha para juntar em volta da cadeira de S. Pedro todos os Estados do mundo. E tem sido sempre este o empenho do Vigario de Jesus Christo, ainda que pese aos inimigos da Igreja.

O grande revolucionario racionalista Augusto Vera morreu em Napoles a 14 de agosto, depois de receber todos os sacramentos da Igreja, e depois de, perante testemunhas condemnar todos os erros da sua vida, tudo que contra a Igreja havia escripto e pensado.

E' mais um triumpho para a causa catholica, para essa *velha* causa, que está prestes a cair, com a confissão dos seus maiores inimigos, que, ao morrer, se ajoelham diante do padre catholico implorando-lhe o perdão para as suas tolices.

São commoventes os detalhes que a *Discosimo*, de Napoles, nos dá acerca de tão notavel conversão, e da visita que o Cardeal Sanfelice, Bispo de Napoles fizera ao philosopho, prostrado no leito do soffrimento.

O que é certo é que Augusto Vera se confessou, recebeu o Sagrado Viatico, a Extrema-unção, e se retratou de todos os seus erros.

Pois era dos mais casmurros! Louvemos a Deus.

Porque em Guimarães ha hoje, felizmente, um bom numero de Irmãs Hospitaleiras, e algumas escolas por ellas dirigidas, onde se fazem annualmente festas escolares, não é fora de propósito a transcripção da seguinte noticia, que nos dá um collega de Lisboa:

«No dia 12 realisou-se no Collegio de N. S. da Conceição, dirigido pelas Irmãs Hospitaleiras Portuguezas no extincto convento das Trinas do Mocambo, a distribuição de premios ás meninas que mais se distinguiram pela sua applicação durante o anno. A festa começou por um hymno cantado pelas Irmãs e dirigido á Superiora Geral; houve recitações ao piano, e entremezes por varias meninas. Em uma sala proxima estavam expostos os trabalhos das meninas; mereceram applausos os bordados. Distribuiu os premios Sua Exc.^a Rev.^{ma} o sr. Arcebispo de Mitylene. Finda a distribuição Sua Exc.^a Rev.^{ma} dirigiu a sua eloquente palavra ás meninas, animando-as a proseguirem com fervor em seus estudos, e recomenidou-lhes as sublimes virtudes do Evangelho com especialidade a Caridade.

Sua Exc.^a Rev.^{ma} dirigiu-se depois á igreja e revestindo-se levantou o *Te-Deum Laudamus*, que foi cantado pelas Irmãs Hospitaleiras. Foi uma festa singela mas edificante.»

Bom é que esta noticia sirva para despertar nos administradores das casas onde vivem as benemeritas Hospitaleiras, o desejo de fazer as suas festas escolares, como se fazem nas grandes cidades, e acabem por uma vez, com esse costume, importado das freguezias certanejas, de principiar a festa ao som do hymno da Carta, tocado na rua por uma phylarmonica qualquer, e para acabarem tambem com o costume aldeão tambem, de chamar para distribuir os premios uma auctoridade civil.

Sirva de modelo o que se faz em Lisboa, que é mais civilizador, mais digno, mais importante.

Pareco que em varios países e nem sei até se n'este nosso Portugal tambem se tem querido abulir o juramento prestado pelos altos funcionarios do Estado, deputados etc. etc. de obediencia aos poderes constituídos, mas em nome de Deus O que sabemos é que na Hespanha se quiz abulir esse costume, proprio de um povo brioso e christão; mas contra esses atheus de má morte, contra essa phalange alistada sob as bandeiras de Satanaz, que querem tirar Deus de toda a parte, levantou-se ha pouco nas camaras de Hespanha a voz do grande orador, do tribuno mais auctorizado do republicanismo europeu. E Castellar, sempre eloquente, sempre grande em suas palavras, foi ainda fallando do juramento. Escutemol-o:

«Não acho inconveniente algum em jurar por Deus, porque o vejo na vida da natureza, o escuto na harmonia das espheras, o sinto na fermosura da arte, o adoro como o bem supremo da moral, o advinho como providencia na historia, o reconheço e proclamo como verdade na religião e na sciencia; e ainda mais: não acho inconveniente algum em jurar pelos Santos Evangelhos, não acho porque não achei livro tão consolador e sublime como este livro; porque depois de ter estudado e ouvido a todos os grandes oradores, não conheço, nenhuma oração no mundo, tão pia, tão divina, tão verdadeiramente religiosa como o sermão do Monte.

.....
...juremos por Deus e pelos Santos Evangelhos, pondo a mão sobre o peito e os olhos em nossa consciencia, eterna fidelidade á patria. Não prestarei nunca outro juramento.»

Querem saber nossos leitores como no Brazil foi appreciado o livro que o sr. Camillo Castello Branco escreveu, sob o titulo de *Maria da Fonte*? Querem saber a idéa que d'esse livro e de seu auctor fazem escriptores distinctos do imperio brasileiro, o além

de distinctos serios e imparciaes, porque são catholicos?

Leiam o seguinte, que transcrevemos do *Boletim do circulo catholico do Rio de Janeiro*:

«*Maria da Fonte* é o ultimo livro de Camillo Castello Branco, o romanista fecundo, o escriptor fluente e o pensador ecceletico que se amolda a todos os tempos, a todas as crengas e a todas as situações.

Este livro annunciado, esperado, publicado e entregue á voracidade dos leitores de folhetins, que andam a farejar escandalos e já tem o gosto estragado com as leituras de obras perversoras da moral, das lettras e até do senso commum; este livro apregoado com um successo, dado a saborear previamente em capitulos destacados e para o qual convergiam todas as vistas e atenções - temol-o sobre a nossa meza de trabalho, manuseamol-o com calma, e... não achamos o que esperavamos.

Maria da Fonte não é um romance, não é uma historia, não é mesmo um estudo serio, desprezencioso e imparcial sobre o acontecimento politico que commemora, mas unica e simplesmente uma critica descabellada aos *Apontamentos para a Historia da Revolução do Minho em 1846*, publicados pelo Padre Casimiro, celebrado chefe da insurreição popular, como reza o frontispicio.

O livro tem paginas brilhantes e intoressa realmente, mas tratando de rectificar alguns erros historicos commettidos pelo Padre Casimiro, dá-nos copia dos preconceitos e dos erros de que é victima o proprio sr. Castello Branco. Assim, vemos ali atacada a infabilidade do Papa, que é mal comprehendida pelo illustre escriptor, e repetida a velha calumnia de que P.º IX o Grande foi maçon quando é certo que provou-se e com documentos insuspeitos que tal não havia, como consta das folhas catholicas do Brazil e Portugal, para não citar as de todos os paizes da Eurapa que pulverisaram a audaciosa baléla.

De resto o livro é bem escripto, tem mesmo algumas pilherias bem sacadas, mas ataca o principio catholico e não é isento de preoccupação na exposição dos factos. O reinado de D. Miguel é pintado com côres sombrias e os seus defensores d'elle são torturados e mettidos a ridiculo a cada passo.

Maria da Fonte pede um estudo de algumas paginas, mas o que fica dito, dá a uma idéa da impressão que nos ficou de sua leitura. E' mais um pamphilto politico, do que uma obra litteraria.

E' leitara propria para homens; as senhoras na-la perdem deixando de saber o que foi a tal *Maria da Fonte*.»